A REPRESENTAÇÃO DE ESTÉTICA E CORPO NA ARTE DE MICHELANGELO

Tatiane Cristina dos Santos
Sandra S. Della Fonte (orientadora)

RESUMO

Este estudo tem como tema a interseção entre a Educação Física e o campo artístico. Nesse sentido, lança a seguinte indagação: quais as representações de corpo e de beleza estética podem ser reconhecidas nas obras de Michelangelo? Em que medida o conhecimento dessas representações pode compor a formação do professor de Educação Física? Por meio de uma pesquisa bibliográfico-teórica, delimitou-se a análise da escultura *David*. Ao final, constatou-se que a obra artística de Michelangelo permite compreender valores, modos de vida, noções e o nível de conhecimento característicos da Renascença e sua valorização do ideal clássico de beleza. Percebe-se que a concepção de corpo e beleza corporal mantém estreito diálogo com a história da arte. Portanto, a arte pode ser uma das fontes de conhecimento para a compreensão das construções históricas de estética e corpo, aspectos importantes na formação do professor de Educação Física. O conhecimento dessa época pode abrir alguma possibilidade de compreensão inclusive de fenômenos contemporâneos relacionados à beleza corporal. Além disso, na obra artística, podemos identificar o diálogo com outros saberes. A anatomia foi um conhecimento crucial na produção do *David* e isso se manifesta na própria materialidade dessa escultura. Se existe essa possibilidade de uma obra de arte ser *locus* de convergência de conhecimentos, esse fato reforça a necessidade da arte compor a formação do professor de Educação Física.

INTRODUÇÃO

Em quantos momentos paramos para juntarmos coisas que gostamos? Poucos, muito poucos! Sempre achamos, ou damos desculpas que uma coisa não tem nada a ver com a outra e acabamos por deixar de lado. Em algum desses momentos, percebi que arte e Educação Física podem, sim, andar lado a lado em

muitos sentidos como a música, dança e sua expressão corporal. Mas ainda faltava algo que, para mim, era essencial: a pintura.

Desde criança, estabeleci vínculos com o universo do desenho e também com as práticas corporais. Apesar de não saber identificar como isso aconteceu, essa relação tem me perseguido ao longo dos anos. Mas seria possível articular Educação Física e pintura?

A partir de leituras e curiosidades sobre arte, fui desafiada a estabelecer uma ligação entre as obras de Michelangelo e a Educação Física. Michelangelo que é um profundo conhecedor da anatomia humana como cita Corrêa (2008 p.3) e, para tanto, construiu um elo entre o corpo, o belo e o estético. Assim, permeando pela arte e a Educação Física, pode-se perceber que há uma ligação entre elas que precisa ser explorada.

Em 2010/1, na disciplina de “Fundamentos do Lazer”, ocorreram debates e foram assistidos documentários que me aproximaram mais desse tema. Ao assistir “O Divino Michelangelo” (2009), a ideia foi surgindo tendo em vista a perfeição que permeia as obras de Michelangelo. Como a partir da Renascença os artistas começaram a representar mais perfeitamente suas obras, e “[...] buscavam observar a anatomia humana, ter realismo total [...]” segundo Aphamesi (2010). E a busca pelo estético principalmente masculino como Barreto e Oliveira (2004): a arte de Michelangelo tinha uma paixão pela beleza masculina e, em parte, expressava a idealização do corpo humano no Renascimento.

Discussões sobre o corpo perfeito sempre rondavam os primeiros períodos cursados por mim, na Universidade, no curso de Educação Física, na relação com o modo como as pessoas, e no caso, o artista se preocupa com a estética.

Ao consultar a literatura específica da Educação Física, inicialmente encontrei um trabalho de conclusão de curso na forma de artigo intitulado *Diálogos entre Educação Física e arte: a questão do corpo e do saber a partir da literatura*, de autoria de Mayara Rocha de Carvalho, acadêmica do curso de licenciatura em Educação Física da UFES. Ela também teve o interesse em relacionar Educação Física e arte, por mais que sua ênfase incidisse sobre a literatura. Um aspecto do trabalho que desenvolveu me interessou particularmente: ela realizou uma revisão

de literatura em revistas da Educação Física[1] acerca dessa relação. Buscando a palavra arte no título e/ou resumo, ela chegou a alguns artigos que traziam o tema. Analisando o seu texto, nota-se a pouca demanda diante do tema. Somente nove artigos continham o termo arte. Em sua maioria, esse tema aparece como periférico, isto é, não constitui a preocupação central do artigo. Além disso, o conceito de arte está bem longe da definição clara. A palavra surge com intuito, por exemplo, de expor algumas expressões, como, “futebol arte”. O sentido mais comum de arte que aparece nos artigos está relacionado com a beleza. Carvalho também indica que, na relação entre Educação Física e arte, a dança ganha destaque. Mais uma vez, a autora cita algo muito relevante: apesar de compreender o vínculo recorrente da Educação Física com a dança, é preciso ampliar e trazer outras linguagens artísticas, assim, contribuiria para a educação voltada ao sensível, potencializando uma melhor percepção de mundo, contribuiria para uma melhor formação cultural:

> Esta ligação entre arte e dança não é descabida, porém ampliá-la na forma de outras linguagens artísticas poderia contribuir para uma educação voltada ao sensível, em que se proporcionaria um maior contato com a música, literatura, cinema e teatro, por exemplo, que potencializariam as percepções de mundo. Esses conteúdos fazem parte do conhecimento de mundo e, de fato, contribuiriam para uma melhor formação cultural (CARVALHO, 2011, p. 26).

Por fim, Carvalho diagnostica que as menções ao termo literatura limitam-se ao sentido de literatura científica, fato que sinaliza uma relação muito pobre entre a Educação Física e a obra literária.

A partir do trabalho de Carvalho, procurei nas mesmas revistas artigos que abordassem, no texto completo, termos como pintura, escultura e Michelangelo. Obtive os seguintes resultados quantitativos:

[1] As revistas investigadas foram: *Pensar a Prática*, *Movimento*, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* e *Motrivivência*.

Tabela 1 – Quantidade de artigos por termo pesquisado

Termos	Pensar a prática	Movimento	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	Motrivivência	Motriz
pintura	7	15	0	0	1
escultura	1[2]	4	0	0	1
Michelangelo	2	1	0	0	0

Nos artigos investigados, a escultura aparece, em sua totalidade, como um tema periférico. Isso significa que há menções à palavra, mas o assunto do artigo é outro. Desse modo, quando o termo aparece, é sempre para ilustrar alguma argumentação, servir de exemplo ou de comparação, como se pode perceber nas citações a seguir:

> Um objeto utilitário da antiguidade chega ao século XX como um produto artístico, são produtos criados sem finalidade estética que adquirem ao longo do tempo, a exemplo de vasos, pias, colheres etc., diferenciando-se de produtos produzidos com finalidade estética própria, a exemplo de um quadro, uma escultura, uma partitura, uma dança (BRASILEIRO, 2012, p. 197).

> Eu trago para a vossa apreciação um objeto que é o mais elevado de todas as ciências. Ele é mais belo que as esculturas de Phidias. Ele encerra mais harmonia do que todas as obras de Beethoven, de Mozart e mais poesia do que já foi revelada pelos maiores poetas do mundo. Enfim, todas as concepções reunidas do gênio humano desaparecem como sombras diante desta obra suprema. Trata-se, caros senhores, da obra-prima de Deus, trata-se de vós mesmos! Trata-se daquilo que o homem mais ignora no mundo, quer dizer, o homem (Conforme conferência proferida por Delsarte à Escola Real de Medicina em 1867 in Porte, 1992, p. 233) (SOARES; MADUREIRA, 2005, p. 78).

Do mesmo modo que a palavra escultura aparece como assunto periférico ou simples exemplo, ao buscar o termo Michelangelo, constatamos que ele também é usado como exemplo como podemos ver nessa citação: “Dentre eles [os artistas que trouxeram o corpo para o campo da arte], podemos citar Rembrandt, que pintou “Lições de anatomia”, em 1656; Carlini, que esculpiu “Smugglerios”, em 1775; além de Leonardo da Vinci, Michelangelo, Mascagni, Lang e outros” (SILVA; MORENO, 2005, p. 137). Podemos encontrar outro exemplo no seguinte texto:

[2] Este texto intitula-se “Percepções sobre o corpo feminino: um estudo com as subjetividades das acadêmicas de um curso de educação física”, autoria de Emilia Devantel Hercules, Marcelo Moraes e Silva. Contudo, ele não será analisado, pois não se encontra disponível na página da revista *Pensar a prática*.

> Nomes importantes contribuíram para que esse período [Renascimento] se concretizasse como um dos mais brilhantes da produção artística mundial. Dante Alighieri, com sua obra-prima, a *Divina Comédia*, foi o precursor do movimento, que, ainda na literatura, teria Petrarca e Boccaccio; nas artes plásticas, Macassio, Botticelli, Leonardo da Vinci, Rafael, Michelangelo e Erasmo de Rotterdam; e, na dramaturgia, os espanhóis Tirso de Molina, Lope de Veja e Miguel de Cervantes (GOMES JR.; LIMA, 2003, p. 33).

Há um texto específico intitulado “Visando a modernidade arco e flecha e a modernização do Japão” (2004), na qual Guttman (2004) analisa a modernização da sociedade japonesa no que se refere à rápida aceitação de esportes modernos oriundos da Europa e da América do Norte. Como se percebe, a pintura não compõe o tema central do texto. Contudo, além da menção à palavra pintura, imagens (pinturas e gravuras) são apresentadas no corpo do artigo e servem para a construção do argumento. Por exemplo, uma gravura expõe uma situação do século XIV na qual os cortesãos japoneses cruzam um caminho pelas montanhas entre Kyoto e Kamekoa; e uma pintura de Teniers mostra um grupo de arqueiros aldeãos mirando um círculo inscrito em folha de papel presa a uma viga.

Ao observamos todos os artigos que citam o termo pintura, percebe-se que esse tema também não aparece como central nos artigos; podemos ainda notar uma variedade de significados e contextos nos quais essa palavra aparece, como atividade de ensino a ser proposta aos alunos, pintura corporal, maquiagem, diferença entre a pintura e a fotografia. Quanto a esse último caso, destaco o seguinte trecho:

> Em pleno romantismo e em meio a grandes transformações sociais e econômicas, a fotografia já nasce instigante, provocando reações contrárias de artistas e intelectuais. Uma mudança acentuada na sociedade começa a acontecer. Há uma busca compulsiva por fazer-se retratar nos estúdios fotográficos e poder admirar a sua própria imagem, ocasionando uma democratização do retrato, bem mais barato que pinturas a óleo, até um privilégio da aristocracia e da burguesia (ANDRADE, 2002, p. *34 apud* OLIVEIRA, 2005, p. 152).

Como atividade de ensino, a pintura aparece da seguinte maneira:

> Já Bela não tinha iniciativa de recortar e pintar e sentia-se insegura por não conseguir realizar estas tarefas com perfeição. Bela participou das mais diversas atividades motoras de manipulação;

> conseqüentemente, melhorou sua motricidade fina (HAMILTON et al, 1999; RIMMER e KELLY, 1989; VALENTINI e RUDISILL, 2004a), o que, possivelmente, repercutiu na confiança e na conseqüente autonomia para realizar as tarefas de recorte e pintura (ADAMS, 1985) (GUARAGNA, 2005, p. 102)

Já a associação da pintura a pintura corporal aparece em um texto que trata de traços culturais étnicos:

> A pintura do corpo, junto às roupas e adornos, constitui as insígnias clânicas, junto aos cantos e nomes (*boe*), os ornamentos expressam a simbologia de entidades naturais e sobrenaturais. Presente em cada objeto, essa simbologia identifica o indivíduo em relação tanto a sua unidade social de origem, quanto à função clânica e subclânica de cada chefe ancestral representada pelo ornamento ostentado na cerimônia. Conhecimento complexo que passa pela realização dos rituais (DORTA, 1987 *apud* GRANDO, 2005, p. 172)

Como mencionado, o termo pintura também foi encontrado nas revistas com o sentido comum de maquiagem:

> Procure dormir suficientemente e fazer exercícios físicos, ginástica, marcha ou trabalho braçal. Verás, então, como teu espêlho é um amigo mais complacente, e contemplarás um rosto lindo, terás para ti mesma um sorriso de lábios túrgidos e vermelho ao natural. Empreende uma reconciliação com a natureza e suas leis, e não terás necessidade de ostentar nas faces, nos lábios, nos olhos, a pintura que é o sêlo da tua ruína física, a confissão da tua fealdade que se mascara de tintas para embair a credulidade dos que te admirarem assim. (VIEIRA, 1942, p. 8 apud DALBEN, 2008, p. 247).

Uma outra referência à pintura relaciona a teoria de multiplicidade da inteligência humana de Gardner e uma proposta educativa que incluiria a dimensão estética. Neste momento, encontra-se a menção ao termo:

> *Estética:* por meio desta rota as pessoas respondem a qualidades formais e sensoriais como: a cor, a linha, a expressão e a composição de uma pintura ou a métrica de um poema. A ênfase recai sobre os aspectos sensoriais ou superficiais que atraem e favorecem uma postura artística ou contemplação das experiências de vida (ZYLBERBERG, 2008, p. 63).

Apesar de aparecer, na maioria dos artigos, uma menção muito breve e periférica ao termo pintura, destacamos a posição de Strazzacappa (2002-2003, p. 79) quando insiste: “Talvez este seja um dos primeiros passos a ser dado.

Secretários estaduais e municipais de educação, diretores, supervisores e professores de escola devem se conscientizar de que aula de arte não se resume a atividades de desenho e pintura e de que o ensino de arte é parte integrante da formação do cidadão". Talvez essa também seja uma provocação para a área da Educação Física no sentido de construir diálogos com o campo artístico.

Se essa provocação é válida, chama a atenção que, ao realizar a revisão de literatura sobre o tema, nota-se um campo pouco explorado. Como não compõem o tema central dos artigos e, portanto, limitam-se a uma posição coadjuvante, a pintura, a escultura ou mesmo a menção a Michelangelo sempre aparecem num teor simples e inexplorado.

Essa limitação, portanto, sinaliza a necessidade de elaboração de estudos que explorem possíveis diálogos entre a Educação Física e o campo artístico. Por certo, este projeto de investigação não dará conta de uma proposta complexa como essa. Contudo, pode-se pensar uma indicação mais modesta de estudo que se oriente rumo à superação dos limites apontados na literatura analisada. Nesse sentido, lanço a seguinte indagação: quais as representações de corpo e de beleza estética podem ser reconhecidas nas obras de Michelangelo? Em que medida o conhecimento dessas representações pode compor a formação do professor de Educação Física?

Análises por meio de observações, textos com descrições sobre a arte de Michelangelo, suas obras como fontes de pesquisa onde a anatomia dos corpos pintados e esculpidos, o belo e o estético estão bem presentes.

> Michelangelo se dedicou à dissecação de corpos humanos apoiados nos estudos do médico italiano Realdo Colombo, e seu intento era exclusivamente o de melhor compreender a estrutura do corpo humano (BUSSAGLI, 2001). Seus estudos sobre anatomia compreenderam cerca de doze anos vividos entre Florença e Roma, seus desenhos eram feitos com tinta preta ou giz vermelho e carvão (CLARK, 2004 *apud* Corrêa 2008, p. 4-5).

Trabalhamos com a seguinte hipótese. As obras artísticas de Michelangelo nos permitem compreender valores, modos de vida, noções e o nível de conhecimento característicos da Renascença. A concepção de corpo e beleza corporal mantém estreito diálogo com a história da arte. Portanto, a arte pode ser uma das fontes de conhecimento para a compreensão das construções históricas de

estética e corpo, aspectos importantes na formação do professor de Educação Física. O conhecimento dessa época pode abrir alguma possibilidade de compreensão inclusive de fenômenos contemporâneos relacionados à beleza corporal. Além disso, na obra artística, podemos identificar o diálogo com outros saberes. A anatomia foi um conhecimento crucial na produção do *David* e isso se manifesta na própria materialidade dessa escultura. Se existe essa possibilidade de uma obra de arte ser *locus* de convergência de conhecimentos, esse fato reforça a necessidade da arte compor a formação do professor de Educação Física.

No artigo “A Arte no contexto da Educação Física”, Gisele Maria Schwartz trata a relação entre Arte e Educação Física de três maneiras:

> 1- pode-se focalizar a história da Educação Física e como a arte permeia esta temática, com a evolução da estética do corpo, da indumentária, das técnicas corporais e a inserção; 2-pode-se focalizado a história da arte, suas diversas correntes relacionando suas tendências e evolução nas diversas linguagens como a pintura, escultura, arquitetura, teatro, dança, com as diferentes modalidades e com a própria história da Educação Física, situando-a nesta perspectiva evolutiva; 3-pode-se fazer um levantamento das questões estéticas que permeiam as noções de corporeidade (SCHWARTZ, 2009, p. 49).

Tendo em vista essa orientação, consideramos que investigar as representações de corpo e de beleza estética em obras do Michelangelo pode se tornar um conhecimento importante para que o professor de Educação Física compreenda as construções históricas que envolvem as concepções de corpo e de práticas corporais.

Diante dessas considerações, esta pesquisa assume um caráter teórico. Em termos gerais, são consideradas pesquisas teóricas aquelas que têm por finalidade o conhecer ou aprofundar conhecimentos e discussões (BARROS; LEHFELD, 2000, p. 78). Em síntese, é possível afirmar que a pesquisa teórica não requer coleta de dados e pesquisa de campo. Ela busca, em geral, compreender ou proporcionar um espaço para discussão de um tema ou uma questão intrigante da realidade (TACHIZAWA; MENDES, apud VILAÇA, 2010). Ao propor tal pesquisa, o objetivo geral que norteia este estudo é sugerir possíveis contribuições que a Arte oferece para a Educação Física. Como objetivos específicos, temos:

- destacar alguns aspectos biográficos de Michelangelo e caracterizar o cenário histórico em que viveu;
- analisar a obra *David*, enfatizando a compreensão de corpo e de beleza que nela se encontra;
- estabelecer a relação dessas representações e a formação do professor de Educação Física.

RENASCIMENTO E MICHELANGELO

Renascimento vem da ideia de renascer e traz a revalorização dos ideais clássicos. Os renascentistas trazem o homem mais voltado para si e não mais para Deus. Como cita Godinho (2012, p. 1), essa nova era leva a transformações nas criações artísticas, literárias e científicas. É nesse período que surge o grande artista Michelangelo. Com sua técnica minuciosa aborda o natural, o real como nenhum outro.

> Não há nenhum animal cuja anatomia ele não dissecasse, e trabalhou em tantas anatomias humanas que aqueles que haviam passado suas vidas nisso e feito dito sua profissão dificilmente saberiam tanto quanto ele. (CONDIVI *apud* BARRETO; OLIVEIRA, 2004, p. 43).

Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475-1564), o notório escultor, arquiteto, pintor e poeta, nasceu em Caprese na Itália. Seu talento artístico foi desenvolvido em Florença, onde a família Medici foi fundamental para a trajetória do grande artista.

> Nesse tempo em que conviveu com a família Médici e a intelectualidade em Florença, Michelangelo esteve em contato com as ideias mais significativas do Renascimento: as que revalorizaram o período clássico da cultura greco-romana. Assim o artista procurou traduzir em esculturas, pinturas ou espaços arquitetônicos o ideal grego de que a beleza resulta do equilíbrio das formas, e de que cada obra de arte deveria ser a concretização particular do conceito universal de beleza. Além disso, aderiu ao pensamento humanista que concebia o homem como um ser livre, capaz de conduzir a sua história independentemente dos desígnios das divindades, e, por isso, cheio de dignidade (PROENÇA, 1998, p. 8).

Michelangelo foi morar em Roma e lá deixou boa parte de suas obras. Com seus estudos, ele traz em sua arte esculturas, pinturas e desenhos, apresentando o corpo em ângulos e movimentos nunca vistos antes como cita Schider:

> As diversas posturas em que o corpo passa a ser representado, e que só se tornaram possíveis graças à incorporação exata da anatomia humana, fazem com que ele deixe de ser um objeto distante do observador e ganhe "vida" (SCHIDER, 1957 *apud* CORREA, 2008, p. 4).

Algumas de suas principais obras são as esculturas de Baco, Pietá, Moisés, David e a pintura no teto da Capela Sistina.

A Renascença tem grande importância na história da humanidade. É nesse período que grandes conhecimentos são desfeitos e outros descobertos. Como explica Proença (1998, p. 21), "Se as descobertas científicas tiveram papel importantíssimo para desvendar passo a passo os mistérios do corpo humano, também serviram para desfazer algumas crenças infundadas".

Um contraponto importante do Renascimento apresenta-se entre os ideais humanistas. Os artistas desse período trazem a ideia de valorizar o ser humano, ressaltando o corpo e exaltando o belo como cita Corrêa (2008, p. 2).

> A consciência da dignidade do homem, um dos temas principais entre os humanistas do renascimento e a percepção de que o corpo humano era o padrão de todas as formas humanas, quem quisesse ser bom escultor, um bom arquiteto, ou mesmo um excelente pintor deveria entender bem a anatomia do corpo humano (GONZÁLEZ *apud* CORRÊA, 2008, p. 4).

Michelangelo aparece como o grande ícone da Renascença, trazendo com ele estudos do corpo perfeito. Nesse período, ele apresenta outra visão para o corpo anatômico. A partir desse momento, para estudar mais a fundo a anatomia, ele começa a dissecar cadáveres. O que para sua vida artística é uma ferramenta fundamental que o acompanha para o resto de sua vida, podendo ser visualizada em seus afrescos e esculturas como cita Corrêa (2008 p. 2). Em grande parte de suas obras, podemos ter uma visão bem apurada da anatomia: músculos, ossos e suas expressões reais. À medida que aprofundamos o conhecimento, notamos que sua obra não era apenas uma coincidência e sim intencional.

> Em suas obras podemos encontrar uma série de indicações e referências a algumas “estruturas anatômicas”, que por sua vez encontram-se “ocultas” em suas pinturas e esculturas. Algumas são evidentes e facilmente identificáveis, enquanto que outras necessitam de um olhar “anatômico” mais apurado para que possam ser identificadas (CORRÊA, 2008, p. 2).

Michelangelo, em seus estudos, trouxe uma grande contribuição para a anatomia. Há anos estagnada o artista vem para revolucionar esse campo. Mostra em suas obras e esboços como a anatomia humana era rica. Em suas dissecações, percebe a constituição dos tecidos, o movimento das artérias e os traçados dérmicos como observa Martins (2008, p. 9). Com essa dedicação, foi logo notado e se consagrou com um dos maiores nomes do Renascimento especialmente quando se propôs a fazer uma de suas maiores esculturas: David.

DAVID

Uma das maiores obras de Michelangelo é a notória escultura de David. Medindo 4,10 m^3 de altura, feita de mármore, está exposta em Florença na *Galleria dell' Accademia*. O artista teve um grande trabalho de três anos (1501-1504) para representar o herói bíblico. Antes disso, alguns artistas manusearam o bloco de mármore, mas deixaram de lado por motivos diferentes. Coube a Michelangelo depois de estudar o material já todo marcado pelas cinzeladas anteriores retratar o personagem escolhido – em uma referência à própria cidade de Florença como cita Barreto e Oliveira (2004, p. 192).

David veio para surpreender de algumas formas, tanto na sua grandiosidade e realismo como também por estar nu. Alguns artistas já o tinham retratado, mas não como Michelangelo o fez. Nele é possível ver toda a anatomia que o grande artista dominava, é claro que com sua proporção gigantesca alguns traços são exagerados. Porém, vemos que até na medida e ângulo que é analisado, Michelangelo se destacou na sua genialidade. O artista também surpreende ao esculpir o momento anterior a batalha com Golias e não após como outros artistas fizeram, estudando o

[3] Na referência usada “A arte Secreta de Michelangelo”, encontra-se a altura de 4,10 m, mas é comum encontrarmos em fontes da internet uma altura de um pouco mais de 5 metros.

golpe de atiradeira que dominaria Golias como destacam Barreto e Oliveira (2004, p. 193).

Em sua criação, Michelangelo retrata uma figura religiosa, fazendo, porém, uma releitura. Mas a forma estética da escultura não é um prolongamento do tratamento religioso. Então, quem é David?

David foi o grande personagem bíblico que derrotou o gigante Golias em uma histórica batalha. Considerado um homem comum sem perspectiva alguma de vencer o combate, se tornaria um dos maiores nomes. Michelangelo em sua visão e desafio esculpe David tenso em sua postura, com o peso todo em uma perna, músculos contraídos, concentrado, com atiradeira na mão, mirando o grande desafio, “dá para ver que encara o gigante pelos olhos” (A vida secreta de uma obra-prima: escultura, 2009). A obra se caracteriza em sua magnitude, e mesmo sendo o nu presente, não é a parte que Michelangelo queria dar ênfase: “Musculoso e com uma crista ilíaca proeminente... mãos fortes e braços largos. Um adolescente no limiar de torna-se homem. Uma imagem mais forte da forma masculina... mais adequada à política... que as fantasias sexuais” (A vida secreta de uma obra-prima: escultura, 2009).

Assim, como em outras obras, por exemplo, na Capela Sistina, o artista também retrata figuras religiosas, mas nuas. Portanto, ele faz uma releitura “pagã” de um tema religioso. Nesse processo, os seus conhecimentos anatômicos servem de ferramenta para alcançar esse objetivo.

Ao passear sobre a forma esculpida de David, é claro o conhecimento que Michelangelo tinha da anatomia humana. Em David, os músculos bem estudados e esculpidos com uma facilidade que poucos possuem. A dissecação que tanto fez diferença na sua trajetória ajudou na construção do que podemos ver em David, músculos, ossos, tensão, vida.

> [...] porque entre outras coisas, é expressiva em energia, poder e juventude. Parte e parcela da determinação quase compulsiva de Michelangelo para influir cada detalhe o máximo de vida que pudesse (A vida secreta de uma obra-prima: escultura, 2009).

O QUE ISSO TEM A VER COM A EDUCAÇÃO FÍSICA?

O tema de nossa investigação diz respeito ao diálogo entre a Educação Física e o campo artístico. Assim, lançamos a pergunta: quais as representações de corpo e de beleza estética podem ser reconhecidas nas obras de Michelangelo? Em que medida o conhecimento dessas representações pode compor a formação do professor de Educação Física?

Nas obras de Michelangelo, em especial no *David*, podemos encontrar a representação de um corpo belo, músculos bem definidos, beleza clássica que, do momento da sua criação até hoje, chama atenção pelas proporções estéticas consideradas perfeitas. Essa beleza clássica enfatiza uma racionalidade baseada na harmonia, na simetria das proporções, na ordem. Trata-se de uma beleza idealizada de evidente inspiração grega:

> [...] o artista grego, - em sua constante busca da perfeição -, cria uma arte de elaboração intelectual em que predominam o ritmo, o equilíbrio e a harmonia ideal. Eles tinham como características: o racionalismo; amor pela beleza e o interesse pelo homem, essa pequena criatura que é a medida de todas as coisas. [...] Desse modo, podemos encontrar nas esculturas o surgimento, o desenvolvimento e o reforço de um ideal artístico de traços humanísticos e estéticos, proporcionado pela busca rigorosa de perfeição das técnicas que conjugaram a reprodução de corpos com grande riqueza de detalhes (MEDEIROS, 2011, p. 3-4).

A beleza como ideal tinha, para os gregos, uma possibilidade de efetivação no corpo. Contudo, Medeiros (2011, p. 10) lembra que esse cânone estético clássico foi abandonado na Idade Média e qualificado de pecaminoso, pois, nesse novo momento, “[...] somente Deus poderia ser considerado como belo e perfeito, enquanto o homem era falho pelo pecado original e não poderia alcançar nenhuma beleza em sua vida se não fosse através de Deus”. Com o Renascimento, o princípio grego foi redescoberto e “[...] a beleza foi considerada um produto da ordem racional e da harmonia das proporções, levando o homem do ocidente a uma

re-adoção do que ficou conhecido como um 'ideal clássico'" (MEDEIROS, 2011, p. 10)

A obra *David* de Michelangelo testemunha e exemplifica essa mudança, por mais que também traga novidades como o hibridismo entre tema religioso e tratamento estético "pagão". Seus conhecimentos anatômicos servem de instrumento para efetivar o ideal neoclássico de beleza. Por ser ideal, Michelangelo também se permitiu esculpir David em dimensões não realistas em relação à altura humana. Seu exagero traz o pensamento: o que é normal? O que é realmente humano? Qual a necessidade do corpo extremamente estético? Para quem e para o que?

A escultura do David abre a possibilidade de compreensão de um momento histórico peculiar que caracteriza o momento inicial da passagem do feudalismo para o capitalismo. Ao mesmo tempo, convida a questionar os padrões contemporâneos de beleza e de perfeição. Diante disso, questionamentos: até que ponto também não há uma irrealidade na beleza de uma modelo atual na passarela, das celebridades que aparecem nas revistas após serem *photoshopada*[4] ou as dimensões musculares de um fisiculturista? A realidade média da população não está em nenhum desses casos.

Para Soares (2006, p. 113), "Herdeira de uma tradição científica e política que privilegia a ordem e a hierarquia [...], a hoje chamada Educação Física foi e é compreendida como um importante modelo de educação corporal que integra o discurso do poder". A oportunidade de compreender as concepções de corpo e beleza como construções históricas nos permite desvendar o lugar que ocupa a Educação Física no projeto de educação do corpo, ora adaptando esse corpo a um modelo social vantajoso, ora resistindo a essas investidas.

O conhecimento artístico parece, então, nos ajudar nesse intuito. Assim, a Educação Física como uma área multidisciplinar precisa explorar mais esse diálogo com as artes. As várias formas históricas de representar o corpo podem ser uma abertura para a Educação Física pensar a si, mas não de forma isolada, mas a partir da própria reflexão sobre como o ser humano se faz no tempo. Afinal, "Talvez o

[4] Trata-se de um neologismo que indica o tratamento da imagem possibilitado pelo software *Photoshop*.

corpo, por ser esta tela tão frágil onde a sociedade se projeta, possa ser o ponto de partida, hoje, para pensar o humano [...]" (SOARES, 2006, P. 128).

REFERÊNCIAS

A VIDA secreta de uma obra prima: escultura. Grã-Bretanha. BBC, 2009, 3 DVD (150 minutos).

BARRETO G.; OLIVEIRA, M.G. **A arte secreta de Michelangelo**: uma lição de Anatomia na Capela Sistina. São Paulo: Arx, 2004.

BRASILEIRO, L.T. Dança: sentido estético em discussão. **Movimento**, v. 18, n. 1, p.1-16, jan./mar. 2012.

CARVALHO, M. R. **Diálogos entre Educação Física e arte**: a questão do corpo e do saber a partir da literatura. 2011. 33 f. Trabalho de conclusão de curso em licenciatura em Educação Física **–** Centro de Educação Física e Desporto. Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo.

CORRÊA, A. N.; SANTOS, L. M.; ROCHA, J. R. Michelangelo: uma contribuição à anatomia. **Revista Científica de Medicina Veterinária**, ano VI, n. 11, p. 1-5, Julho, 2008.

DALBEM, A.; SOARES C. L. A revista vida e saúde: modos de olhar e educar o corpo feminino em suas páginas (1940-1950). **Pensar a Prática**, n. 11, v. 3, p. 239-250, set./dez. 2008.

GODINHO, R. S. Renascimento: uma nova concepção de mundo através de um novo olhar para a natureza**. DataGramaZero** - *Revista de Informação*, v.13 n.1, p. 1-18, fev./2012.

GOMES JÚNIOR, L. M.; LIMA, L.M. Educação estética e educação física: a dança na formação de professores. **Pensar a Prática**, n. 6, p. 31-44, jul./jun. 2001-2002.

GRANDO, B. S. Corpo e cultura: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade Bororo em Meruri-Mt. **Pensar a Prática**, n. 8, v. 2, p. 163-179, jul./dez. 2005.

GUARAGNA, M. M.; PICK, R. K.; VALENTINI, N. C. Percepção de pais e professores da influência de um programa motor inclusivo no comportamento social de crianças portadoras e não-portadoras de necessidades especiais. **Movimento**, v. 11, n. 1, p. 89-117, jan./abril 2005.

GUTTMAN, A. Visando a modernidade arco e flecha e a modernização do Japão. Revista **Movimento**, v. 10, n. 3, p.9-21, setembro/dezembro de 2004.

MARTINS, K. D. Michelangelo: da criação do universo ao juízo final, breve análise sobre o trabalho da Capela Sistina. **Revista de História Contemporânea**, n. 2, p. 1-14, maio/out., 2008.

MEDEIROS, Adriana Clementino de. O ideal de beleza na escultura grega: reflexões sobre as acepções formais construídas pela sociedade grega. **Principia**, n. 23, p. 1-14, 2011.

O DIVINO Michelangelo, Tim Dunn, Suart Elliot. Inglaterra. BBC, 2009, 1 DVD (50 minutos)

OLIVEIRA, M. R. R. Cultura de movimento e fotografia na educação física escolar. **Revista Movimento**, v. 11, n. 2, p.147-164, maio/agosto 2005.

PROENÇA, G. **O Renascimento**. São Paulo: Ática, 1998.

SCHWARTZ, G.M. A arte no contexto da Educação Física. **Revista Motriz**, v. 5, n. 1, p. 49-52, jun./ 2009.

SILVA, A. L.; M. A. Frankenstein e cyborgs: pistas no caminho da ciência indicam o "Novo Eugenismo". **Revista Pensar a Prática**, v. 8, n. 2, p. 125-139, Julho/Dezembro de 2005.

SOARES, C. L. Corpo, conhecimento e educação. In: SOARES, C. (Org.). **Corpo e história**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006. P. 109-130.

SOARES, C. L.; MADUREIRA, J.R. Educação física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo. **Movimento**, v.11, n. 2, p. 189-203, p. 189-203, maio/agosto 2005.

VILAÇA, M. L. C. Pesquisa e ensino: considerações e reflexões. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Nilópolis, v. I, n. 2, p. 1-16, maio/agosto 2010.

ZYLBERBERG, T. P.; PICCOLO, V. L. N. As contribuições dos estudos sobre inteligência humana para a pedagogia do esporte**. Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 59-68, janeiro/julho 2008.